

CIDADES SOBREPOSTAS

**Danillo Villa
Dulce Osinski**

"As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa."

Italo Calvino

Os artistas selecionados no edital para ocupação das escadarias do SESC da Esquina apresentam visões bastante particulares de uma cidade multissêmica, onde circulam pessoas com as mais diversas motivações e se sobrepõem ações e eventos: um mesmo espaço pode ter mais de uma destinação num único dia, um estacionamento pode se tornar uma feira livre, os protagonistas mudam, com ou sem comunicação entre si.

A fachada de um prédio não nos permite saber o que acontece em seu interior, atravessar paredes significaria desvendar estes mistérios. Mais que um desejo de comunicação, o desejo da curadoria foi sugerir algumas percepções e experiências. As sobreposições criam trânsitos imbricados aos quais somente um sujeito vivo e em movimento pode dar novos significados, criando sentidos para sua própria vida.

Numa exposição como esta, podemos utilizar a arquitetura do prédio para exemplificar a diversidade de experiências que um mesmo espaço pode suscitar. As conexões apaziguadoras podem não ser claras, um dado evento pode ser invisível a um outro. Dará sentido para esta multissemia o sujeito solicitado ora como observador, ora como vivenciador das realidades possíveis da/na urbe.

Em Jéssica Luz, o processo da fatura de seu desenho, as qualidades gráficas com que registra os objetos, todos componentes de um espaço íntimo, aparentemente um quarto, acentuam tensões entre o espaço privado e o espaço público. A casa aparece como célula da cidade, enfatizando uma escala desproporcional entre estrutura urbana e indivíduo. É uma cidade dos afetos que a artista nos apresenta, personificada na micro-escala dos objetos frequentadores de seu cotidiano e que reivindicam seu status de ativadores de conforto psíquico quando podem ser checados individualmente via desenho.

Numa perspectiva oposta, Thiago Autran, na obra Cidade | in | Parallax, propõe uma reflexão sobre as identidades visíveis da arquitetura nas cidades. Ali, não vemos o aconchego protetor da intimidade do indivíduo, mas estruturas pouco flexíveis, por vezes despersonalizadas que, num ritmo econômico, sugerem uma cidade ideal, orientada pela racionalização. Fazendo uso dos contrastes em preto e branco, padrões se repetem e as variações, mínimas, parecem sinalizar sutilmente como esta organização se humaniza. A anulação da perspectiva exige um olhar de dentro – de uma outra estrutura – só possível se o espectador estiver posicionado frontalmente ao objeto, como quando nos colocamos diante de um espelho.

Um abandono de outra ordem é o que as câmeras de Constance Pinheiro, Fran Ferreira, Maria Baptista captaram em seu “Lugar de passagem”. O cenário urbano, em constante processo de construção/desconstrução é o objeto principal de atenção das artistas.

Memória e afeto surgem dos escombros de um fragmento da cidade em movimento. Nos escombros de um hospital psiquiátrico, os paradoxos da experiência urbana: se abrigava, prendia; se pretendia curar, acentuava a doença. Antes clausura invisível para os demais habitantes da cidade, agora se revela, escancarado, no momento de sua demolição.

Na cidade proposta por Luana Navarro “Bajo la Ciudad”, a violência é um elemento real e presente, mesmo que impalpável. Fragmentos de memória tornados imagem de vídeo e fotos tornam-se elementos justapostos de temperaturas, cheiros e sons imaginados e constituem o cenário de atos de violência em andamento. Um olhar que estranha porque pressente, passeia pelos resíduos da cidade pelas frestas, cantos e orifícios. A violência se ritualiza e aparece como fruto da cidade, fato cultural. A constituição das imagens funciona como os mecanismos da memória, por apagamentos e incompletudes. As imagens se comunicam tentando constituir uma narrativa de violência implícita.

Os limites da cidade são aqui reinventados e expandidos pela materialização das ideias dos artistas selecionados. Podemos estar descansando em nossas casas, em nossas camas, correndo riscos por ruas de pouca segurança, nos relacionando com a grandiosidade da cidade ou pensando em como são tratadas as pessoas que adoecem - tudo ao mesmo tempo, agora.